

QUEIRÓS, Eça (1880), *O Mandarim*, Lisboa, Livros do Brasil

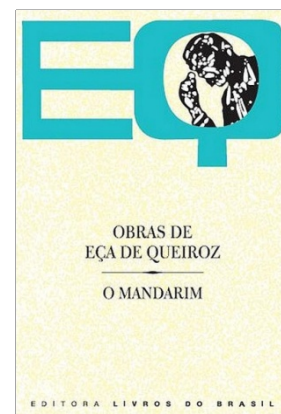
O Mandarim

Lúcia Maria dos Santos Gomes

Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança

luma_sago@live.com.pt

O título da obra em causa faz alusão indireta e imediata ao continente asiático, mais concretamente à China, um dos dois locais onde a ação do livro decorre, sendo o outro Lisboa. Portanto, é entre estes mundos tão opostos que a vida, o pensamento e o consciente do protagonista se dividem.



Teodoro, vítima da sua ambição desmedida e dos seus impulsos descontrolados, mora na pensão da Dona Augusta, situada na Travessa da Conceição, Lisboa. É cognominado de o “Enguiço” pelo facto de ser supersticioso, ter temor de ratos, manter na cabeceira de sua cama uma litografia de Nossa Senhora das Dores que pertencera à sua mãe e de não ter atributos físicos atraentes, pois é magro e corcunda. Apesar de o seu trabalho como funcionário público responder às necessidades básicas, aquele não o satisfaz monetariamente, visto que só ganha vinte mil réis mensais. Assim, a sua vida humilde não o realiza pessoalmente, porquanto esse mísero ordenado não lhe permite fugir à rotina e concretizar os seus sonhos, assentes no desejo de frequentar restaurantes caríssimos, de repousar nos melhores hotéis de Lisboa e de ter fantásticas aventuras amorosas.

Desta forma, Teodoro, embora não acreditando na Providência, decide entregar-se às orações a Nossa Senhora das Dores, com esperança de materializar os seus desejos. Simultaneamente, entretém-se a comprar livros antigos na Feira da Ladra.

Certo dia, Teodoro, aquando da leitura de um desses volumes, depara-se, num capítulo do mesmo, designado de *Brecha das Almas*, com um excerto insólito que apelava ao respetivo leitor para o simples toque de uma campainha, colocada a seu lado, em consequência da herança do capital de um milionário mandarim, Ti Chin-Fu, facto que implicava inevitavelmente a morte deste. Incentivado e persuadido pelo Diabo, disfarçado sob a forma de um *indivíduo corpulento, todo vestido de preto* e que representa o mal que só tem efeito se o lado negro do homem estiver

ativo, Teodoro deixa-se influenciar e obedece, então, ao apelo do excerto, pois não consegue resistir aos prazeres terrestres e carnavais e ao sedutor metal precioso.

A partir deste momento, Teodoro, já rico, muda-se de imediato da pensão da Dona Augusta para um palacete comprado no Loreto e transforma-se repentinamente num ser ocioso, egoísta, insensível, vanglorioso, ganancioso e fútil, vivendo somente para a luxúria, a opulência e a dissipação. Além disso, a posse excessiva de dinheiro faz dele um homem com prestígio e posição social, sendo, então, encarado como um deus na terra e respeitado e glorificado por todos os que o rodeiam e tornando-se, conseqüentemente, numa figura internacional, que é apelidada nas gazetas de *extraceleste sr. Teodoro*, faz empréstimos a reis e subsidia guerras civis. Neste sentido, verifica-se que este mediatismo que o protagonista alcança é fruto de uma sociedade hipócrita, interesseira e oportunista que se rege apenas pelas aparências.

Porém, o crime levado a cabo destrói por completo a alegria e o bem-estar antigos de Teodoro, devido às constantes aparições de Ti Chin-Fu, em forma de espírito. Deste modo, Teodoro experimenta um sofrimento e uma infelicidade insuportáveis, pois tem remorsos não só por ter matado um homem como também por ter arruinado e despojado a família deste de uma herança que ele “comia à farta” e por ser o responsável pela estagnação económica que a pátria do Mandarim atravessa.

Perante estas circunstâncias, Teodoro parte para a China com o intuito de casar com uma mulher da família Ti Chin-Fu, a fim de legitimar a herança; de celebrar funerais grandiosos ao Mandarim; de fazer distribuições de arroz para atenuar a miséria dos conterrâneos do mesmo e de recuperar, finalmente, a paz de espírito da sua anterior vida modesta.

Em Pequim, Teodoro é recebido e acolhido pelo general Camilloff, embaixador russo, tornando-se ambos grandes amigos. Aqui, o primeiro vai ser amante de Vladimira, mulher de Camilloff, estando também o adultério ao serviço da crítica queirosiana. Mais tarde, Teodoro é ofendido, roubado e apedrejado por habitantes de Tien-Hó, nos confins da Mongólia, sendo esta a cidade que um astrólogo anteviu como a morada da família de Ti Chin-Fu. Eça de Queirós aproveita o momento do apedrejamento para criticar a inconstância de Teodoro, pois este, apesar de não acreditar em Deus, recorre a Ele de forma interesseira, já que se encontra nesse instante entre a vida e a morte. Como acaba por sobreviver, volta a ser agnóstico.

Dias depois, a personagem principal é informada por Camilloff de que a previsão do astrólogo estava errada e, portanto, Tien-Hó não é, de facto, o local onde a família de Ti Chin-Fu está

alojada. Desmotivado, Teodoro decide regressar a Lisboa, tendo também em conta que os seus remorsos se haviam minimizado. Em Lisboa, tenta voltar a obter a sua felicidade e trabalho antigos, pedindo ao Diabo que ressuscite o Mandarim e lhe devolva, posteriormente, a sua própria consciência, pedido que não foi satisfeito.

Assim, denota-se claramente que Teodoro representa os cargos mais baixos que vivem mediocrementemente, sonhando com muito dinheiro e luxo, e que são capazes de matar o próximo para próprio benefício.

A obra em causa constitui, sem dúvida, um grande ensinamento moral intemporal, pois não é a riqueza que traz a felicidade. Além disso, o que considere mais estimulante na mesma foram as críticas que Eça de Queirós faz a cada personagem, destacando a falta de caráter de Teodoro – que se deixa perverter pelo poder corruptor do ouro, cometendo atos desprezíveis – a hipocrisia e o oportunismo das relações sociais; a traição humana e a fraqueza dos valores morais.